

Inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista na Escola UME José da Costa Barbosa da Cidade de Santos/SP: um desafio na formação docente.

Inclusion of students with autism spectrum disorder at the José da Costa Barbosa UME School in the city of Santos / SP: a challenge in teacher training

Elis Roselene Melo Calçada ¹ Dr^o Luis Ortiz Jiménez²

RESUMO: Este trabalho aborda sobre a formação do professor da sala de ensino regular da Educação Infantil com a tônica para o atendimento ao aluno com Transtorno do Espectro Autista. Com a intenção de responder a pergunta problema se os professores das salas regulares, estão capacitados para atender às especificidades da inclusão dos alunos autistas, este estudo fundamentou-se em teóricos como: Mantoan (2015), Ortiz (2015); Torres (2016); Bersch e Sartoretto (2016) entre outros defensores da inclusão com o mesmo ponto de vista dessa investigação, surgindo uma reflexão aprofundada sobre a formação continuada de professores para o atendimento e inclusão dos alunos autistas. Pela utilização de métodos qualitativos houve a possibilidade de se obter resultados aprofundados, se apropriar de uma visão mais ampliada e de uma vasta riqueza interpretativa dos dados. Esta pesquisa possui caráter descritivo onde é possível, registrar e analisar dados com mais precisão, proporcionando maior compreensão sobre o tema estudado, sendo eles: entrevista para os Professores das salas comuns envolvidos com alunos autistas e Coordenador Pedagógico, nos levando a compreensão da formação necessária, dos desafios, das dificuldades, angústias, anseios, frustrações e necessidades destes professores. Os lócus desta pesquisa ocorreu na Escola UME José da Costa Barbosa da Cidade de Santos/SP– Brasil, que atende alunos na faixa etária entre três a seis anos na modalidade da Educação Infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Docente. Autismo. Educação Infantil.

ABSTRACT: *This work deals with the training of the teacher of the regular classroom of Early Childhood Education with the emphasis on attending the student with Autism Spectrum Disorder. With the intention of answering the question question, if the teachers of the regular classrooms are able to attend to the specificities of the inclusion of the autistic students, this*

1. Universidad Autónoma de Asunción – Paraguay. Magister en Ciencias de la Educación. Email: elisroselene@iecrystalsantisima.com.br
2. Universidad de Granada – España. Doctor en Ciencias de la Educación. Email: lortizj@ual.es

study was based on theoreticians such as: Mantoan (2015), Ortiz (2015); Torres (2016); Bersch and Sartoretto (2016) among other advocates of inclusion with the same point of view of this investigation, with an in-depth reflection on the continuing formation of teachers for the care and inclusion of autistic students. Through the use of qualitative methods it was possible to obtain in-depth results, to appropriate a broader view and a vast interpretive richness of the data. This research has a descriptive character where it is possible to record and analyze data more accurately, providing a better understanding of the studied subject, such as: interview for teachers of common rooms involved with autistic students and Pedagogical Coordinator, leading us to an understanding of the necessary training, the challenges, difficulties, anxieties, desires, frustrations and needs of these teachers. The locus of this research occurred at the UME José da Costa Barbosa School in the city of Santos / SP- Brazil, which serves students in the age range of three to six years in the modality of Early Childhood Education.

KEYWORDS: *Teacher Training. Autism. Child education.*

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda questões específicas sobre a formação continuada de Professores e Coordenador da Escola UME José da Costa Barbosa da Cidade de Santos/SP, para o atendimento e inclusão dos alunos com Transtorno do Espectro Autista, tendo com temática a ***Inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista na Escola UME José da Costa Barbosa da Cidade de Santos/SP: um desafio na formação docente.*** O interesse pela temática desta pesquisa nasceu na autora, pela sua experiência profissional na função de gestora em diversas escolas Municipais na Cidade de Santos do Estado de São Paulo/Brasil, onde nesta longa jornada e especificamente nos últimos anos, vem ocorrendo um expressivo e crescente número de matrículas de alunos com Transtorno do Espectro Autista.

As vozes que ecoavam nas escolas em que eu mesma atuei como Gestora, eram de dúvidas, incertezas, inseguranças e medos diante atitudes e comportamentos díspares de crianças ora invisíveis em seu comportamento, passivas e introvertidas, frágeis, fechadas em um mundo intransponível, ora com comportamentos agressivos, extremamente nervosos, verdadeiros vendavais que fugiam ao nosso controle nos tornando incapazes de ajudá-las. Questionamentos sem respostas surgiram e tornaram-se diários em nossas práticas pedagógicas: Todos os alunos estão na escola para aprender e se desenvolver, mas como? O que fazer com essas crianças? Como contribuir para o desenvolvimento delas? Qual era o nosso papel? Como fazer da nossa escola um espaço verdadeiro de inclusão? Perguntas que nos moveram a buscar

ajuda, além dos muros da escola, na tentativa de compreender melhor nossa função e na superação da frustração de todos os atores envolvidos nesse quadro em tela.

Observou-se claramente neste contexto os desafios e angústias do professor da sala regular de ensino, o embaraço da escola e a insegurança dos pais, gerando as incógnitas que resultou no interesse dessa temática como abordagem de pesquisa e análise para descoberta dos principais entraves e barreiras que dificultam a atuação dos professores da sala comum para o efetivo sucesso da inclusão destes estudantes em uma escola regular, assim como preconizados nas leis.

Incluir, atender e garantir o sucesso do ensino aprendizagem do autista tornou-se uma questão enigmática a escola e ao professor da sala comum de ensino.

Portanto, refletir a inclusão da criança com autismo, em uma perspectiva global, das responsabilidades sociais e governamentais, levando em conta como ocorre o processo ensino aprendizagem dos autistas, pela análise da interação entre todos os atores da escola e compreender os desafios, as dificuldades, angústias, anseios, frustrações e necessidades do professor do ensino regular nos leva ao nosso ponto de partida sobre a formação continuada dos docentes, gerando a tônica desta investigação.

Neste contexto, destacamos os novos desafios que vem surgindo na educação, em especial a formação de professores do ensino regular, para que estejam capacitados a atender as necessidades de aprendizagem do aluno com TEA. Desafios marcados pela ênfase na superação dos receios e inseguranças dos professores das salas comuns, na construção coletiva de um Projeto Político Pedagógico que contemple ações específicas e educacionais e por fim no comprometimento e apoio da Secretaria da Educação.

Mediante estes desafios, surgem na autora os seguintes questionamentos: Quais são as características dos alunos com Transtorno do Espectro Autista da escola pesquisada? Qual a formação dos docentes das classes regulares de ensino para o atendimento dos alunos com Transtorno do Espectro Autista? Qual a participação e envolvimento de todos os atores da escola, incluindo os pais destes alunos, na construção de um Projeto Político Pedagógico que contemple as necessidades singulares educacionais do aluno com TEA? Qual o comprometimento e apoio da Secretaria da Educação aos gestores e professores do ensino regular para o sucesso da inclusão, acesso e permanência na escola do aluno autista?

Estes questionamentos de investigação nos levam a discussão do problema deste estudo: Os professores das salas regulares da Educação Infantil das Escolas Municipais de Santos, estão capacitados para atender às especificidades da inclusão dos alunos com Transtorno do Espectro Autista?

Como forma de responder à pergunta central dessa investigação, bem como responder a todas as prerrogativas estendidas até aqui o objetivo geral é analisar se a formação dos professores da Escola UME José da Costa Barbosa da Cidade de Santos/SP, atende as necessidades da inclusão dos alunos com Transtorno do Espectro Autista, no ano letivo de 2018. E específicos: Identificar se a formação dos docentes atende as necessidades da inclusão dos alunos com Transtorno do Espectro Autista; analisar qual a formação necessária para o sucesso das práxis educativas deste professor; conhecer a opinião dos docentes sobre a sua formação para dar resposta a este alunado.

Para que fosse possível responder aos questionamentos e alcançar os objetivos propostos nesse estudo, utilizamos a abordagem qualitativa, em que possibilitou compreender e analisar os fenômenos correspondentes a formação docente na inclusão dos alunos autistas. Bem como, esta pesquisa apresenta enfoque descritivo, pois descrevemos as reais situações e os desafios diários referente aos participantes desse estudo que forma os professores e coordenador pedagógico.

A pesquisa foi realizada na Escola UME José da Costa Barbosa da Cidade de Santos/SP onde atende alunos na modalidade de Educação Infantil. No qual enfatizamos mais uma vez que os participantes são compostos pelos professores e coordenador desse centro educativo.

Trata-se de uma investigação de cunho qualitativo descritivo em que possibilitou através das respostas dos participantes compreender os desafios das formações docentes na inclusão dos alunos com TEA no ensino regular infantil.

Tivemos como apoio técnico as entrevistas em profundidade que foram aplicados aos participantes em que as informações recolhidas e analisadas em extrema profundidade e exposta em uma análise através de objetivos em que concluímos que os empasses inclusivos estão enraizados no centro educativo e a formação docente não corresponde ao esperado pela equipe profissional dessa instituição.

Contextualização histórica do autismo

O termo autismo foi utilizado pela primeira vez no ano de 1911 por Eugene Bleuler, com o intuito de descrever sintomas negativos e a alienação social de sujeitos que sofriam com esquizofrenia.

Ainda que, a história do autismo de certo modo, seja curta, ela está inserida na história mais longa do retardo mental e das doenças mentais.

Segundo Whitman (2015, p. 22):

Desde o século XIX, nosso conhecimento sobre os transtornos da primeira infância, o papel dos fatores biológicos e ambientais em seu desenvolvimento e as abordagens de tratamento tem aumentado exponencialmente. Embora as discussões sobre o autismo tenham começado a mais de 60 anos atrás, seu pleno reconhecimento como uma entidade separada de outros transtornos, como a esquizofrenia na infância ou o retardo mental, evoluiu apenas gradualmente.

Segundo Bosa (2002) as primeiras descrições dos Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) foram feitas por Leo Kanner (1943), psiquiatra infantil e Hans Asperger (1944), médico pediatra com base nos casos que acompanhavam na época, que apesar de algumas similaridades e diferenças, cada caso era único e singular.

Kanner e Asperger realizaram as primeiras publicações utilizando-se do termo para descrever crianças com dificuldades de estabelecer contato afetivo e, conseqüentemente, falha na comunicação (Bez, 2010).

Ainda em um breve relato histórico, Bez (2010), lembra que Leo Kanner foi um psiquiatra austríaco, que muito contribuiu com suas pesquisas sobre o autismo, sendo que a grande originalidade de seus estudos foi a de individualizar, em um grupo de crianças que lhe foram encaminhadas, uma nova síndrome, reunindo sinais clínicos e específicos que formam um quadro clínico totalmente a parte e diferenciado das síndromes psiquiátricas existentes.

De acordo com Kanner (1943), as principais características do autismo incluíam uma falta de habilidade dessas crianças na capacidade de estabelecer relações interpessoais e falha no uso da linguagem, apresentando grandes dificuldades com a fala para fins de comunicação em situações sociais, resistência à mudanças e uma preocupação excessiva de manter tudo igual; orientação para objetos em vez de pessoas; boas capacidades cognitivas-intelectuais; falta de

resposta ao ambiente; rígida atenção a rotinas e tumulto emocional quando os rituais estereotipados eram perturbados; linguagem incomum que incluía tendências para repetir a fala de respostas literais (ecolalias) e uso de pronomes inapropriadamente.

Algumas características das crianças com autismo, foram descritas por Kanner (1943) como: não haverem alterações físicas significativas, interesse por fotografias e acreditava também que essas crianças tinham inteligência acima da média.

Posteriormente Kanner publicou juntamente com Eisenberg (1956) como características do autismo, três principais aspectos: senso de solidão, preocupação com manter a rotina e início da condição nos dois primeiros anos de vida.

Asperger acrescentou mais algumas características, como por exemplo, a incapacidade em olhar para o outro nas trocas sociais (Bosa, 2002).

Segundo Mello (2004, p. 10):

Autismo é uma síndrome definida por alterações presentes desde idades muito precoces, tipicamente antes dos três anos de idade, e que se caracteriza sempre por desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação o autismo não é uma condição de ‘tudo ou nada’, mas é visto como um continuum que vai do grau leve ao severo.

O autismo, ainda segundo Bez (2010, p. 20):

É considerado um transtorno global, com comprometimento em diversas áreas de seu desenvolvimento que gera falta de habilidade de interação social recíproca, habilidades de comunicação, ausência de interesses e atividades em qualquer aspecto. Fazendo uma explicação bem detalhada sobre as áreas afetadas pelo autismo, iniciando-se pelas dificuldades de comunicação nos esclarece, “dentro da grande variação possível na severidade do autismo, poderemos encontrar uma criança sem linguagem verbal e com dificuldade na comunicação por qualquer outra via, isto inclui ausência de gestos ou um uso muito precário dos mesmos.

Quanto às dificuldades de socialização Mello (2004, p. 21) enfatiza como sendo um ponto crucial no autismo. “Significa a dificuldade em relacionar-se com os outros, a incapacidade de compartilhar sentimentos, gostos e emoções e a dificuldade na discriminação entre diferentes pessoas”.

O Transtorno do Espectro autista (TEA) é considerado um transtorno com forte base genética, conforme evidências científicas (Gupta; 2006). De acordo com Zanon et al (2014, p. 25):

O termo Transtorno do Espectro do autismo (TEA) vem sendo utilizado, nas publicações, para neurodesenvolvimentais que, geralmente inclui o transtorno artístico, o de Asperger, o desintegrativo da infância e o transtorno global do desenvolvimento não especificado, também conhecido como autismo atípico. Não há mais subcategorias como Transtorno de Asperger, Transtorno autista, entre outros; todos agora são tratados como Transtorno do Espectro do autismo (TEA).

De quem é a culpa?

No século XIX, Sigmund Freud, (o pai da Psicanálise), divulgou a teoria de que as experiências no início da vida de uma criança poderiam causar distúrbios no desenvolvimento, e a figura central dessa teoria, era a mãe. E a partir daí começa a ligação do autismo como culpabilidade da mãe.

Kanner acampou esse pensamento, por observar a dificuldade que as mães tinham em brincar com seus filhos autistas. Essa ideia foi ainda mais reforçada por Bruno Bettelheim (1967), em seus artigos nas décadas de 50 e 60, onde afirmava categoricamente que o autismo era causado pela frieza da mãe em relação à criança.

Bruno Bettelheim (1967) como Kanner, salientou a importância do ambiente social no desenvolvimento de crianças com autismo (Bettelheim, 1967). Bettelheim via crianças com autismo, como vítimas de trauma ambiental, e mais especificamente, negligência materna. Talvez, o seu ponto de vista em supor que o autismo e seus sintomas de retraimento social e apatia, evoluíram devido ao distanciamento emocional de mães “frias”, tenha sido influenciado pela sua própria história como prisioneiro de um campo de concentração nazista.

Essa teoria desses dois estudiosos foi refutada posteriormente pela maioria dos membros das comunidades médicas e psicológica, incluindo Bernard Rimland (1964), enunciou uma teoria do autismo com base biológica, citou pesquisas que apontavam que: 1) os padrões de personalidade, da maioria dos pais de crianças autistas, não se ajustavam à caracterização estereotipada de (frios e distantes) de Kanner sobre eles; 2) a maioria dos irmãos de crianças autistas não tinham autismo; 3) a proporção de meninos autistas para meninas era tipicamente em torno de de três ou quatro para cada caso: 4) havia comorbidade de autismo em gêmeos

idênticos e 5) sintomas típicos do autismo estavam associados com uma disfunção cerebral orgânica.

Rimland, era um ativo defensor de crianças autistas, foi pai de um menino autista e exerceu um papel instrumental na formação da Autism Society of America, uma organização nacional para pais de autistas, com filiais estaduais e locais.

Definição do Autismo

Nos últimos anos, o termo Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) vem sendo utilizado, nas publicações, para se referir a uma classe de condições neurodesenvolvimentais que, geralmente, inclui o transtorno autístico, o de Asperger, o desintegrativo da infância e o transtorno global do desenvolvimento não especificado, também conhecido como autismo atípico (Zanon, Backes, e Bosa, 2014).

O TEA é uma condição que tem início precoce e cujas dificuldades tendem a comprometer o desenvolvimento do indivíduo, ao longo de sua vida, ocorrendo uma grande variabilidade na intensidade e forma de expressão da sintomatologia, nas áreas que definem o seu diagnóstico.

Atualmente, o TEA é compreendido como uma síndrome comportamental complexa que possui etiologias múltiplas, combinando fatores genéticos e ambientais (Rutter, 2011).

Até o momento, as bases biológicas que buscam explicar a complexidade do transtorno são apenas parcialmente conhecidas e, por isso, a identificação e o diagnóstico do transtorno baseiam-se nos comportamentos apresentados e na história do desenvolvimento de cada indivíduo (Barbaro, 2009 e Daley, 2004).

METODOLOGIA

Como parte importante dessa investigação, a pesquisa científica é um processo complexo e lógico compostas por múltiplas etapas estritamente vinculadas entre si que acontece de forma contínua e sequencial. Nesse pressuposto, é importante a conceituação do termo método:

Método, de acordo com Campoy (2018, p. 41) “significa um caminho, um procedimento: caminho a seguir para alcançar um fim proposto de antemão”. O método é, portanto, algo muito mais complexo que uma simples sequência unidimensional de passos.

Para cumprir essa função Campoy (2018, p. 39) estabelece que “a investigação deve ter em conta uma série de características como: controlada, rigorosa, sistemática, válida e verificável, empírica e ter sentido crítico”.

A problemática que norteia este estudo visa entender se os professores da Escola UME José da Costa Barbosa da cidade de Santos/SP, Instituição que acolhe alunos da Educação Infantil no município, possuem formação para atender as demandas de uma escola inclusiva e consequentemente dar respostas positivas quanto a aprendizagem dos alunos, bem como, atender as necessidades educativas dos alunos com Transtorno do Espectro Autista.

Portanto, mediante toda situação em tela até aqui explanada nos direciona ao nosso problema de investigação, considerando que segundo Campoy (2018, p. 51): “O problema é o ponto de partida de toda investigação. É provavelmente a etapa mais importante do processo de investigação, já que implica vários passos inter-relacionados”.

Para essa pesquisa apresentamos como paradigma qualitativo de investigação por se tratar de uma investigação social. Além disso, a abordagem desse paradigma nos permitiu a compreensão e a interpretação dos fenômenos em estudo, proporcionando uma compreensão múltipla da realidade sobre a formação docente no acolhimento dos alunos de Educação Infantil que possuem autismo.

De antemão explicitamos que essa pesquisa possui caráter descritivo, onde possibilitou descrever as reais situações das formações docentes inclusivas para atender a esses alunos com TEA.

Gil (2008, p. 89) nos revela sobre a pesquisa tipo descritiva: “entendemos que as pesquisas descritivas possuem como objetivo a descrição das características de uma população, fenômeno ou de uma experiência. Por exemplo, quais as características de um determinado grupo em relação a sexo, faixa etária, renda familiar, nível de escolaridade etc”.

Nesse sentido, o tipo descritivo nos deu suporte para descrever sobre os objetivos em questão, como também relatar fatos que respondam à pergunta central dessa investigação.

Em se tratando da seleção dos participantes, considerada uma das partes importantes da investigação, ou seja, através da participação desses atores encontraremos as respostas para os objetivos de uma investigação. Podemos definir que os participantes foram: 19 professores e coordenador pedagógico.

Os participantes da pesquisa estão ligados diretamente a instituição que foi realizada a investigação, que são professores e uma coordenadora pedagógica.

A escolha dos instrumentos é uma parte relevante para a pesquisa. Segundo Lakatos (2003, p.163), a “seleção instrumental metodológica está diretamente relacionada com o problema a ser estudado; a escolha dependerá de vários fatores relacionados a pesquisa, ou seja, a natureza dos fenômenos, o objeto da pesquisa e outros que possam surgir no campo da investigação”.

Assim, para que fosse possível responder aos requisitos desse estudo, foram utilizados os instrumentos possíveis que correspondessem ao método, nesse sentido selecionamos as entrevistas como instrumento de recolhimento de dados.

Os instrumentos utilizados na coleta de dados (entrevistas) foram previamente encaminhados a (05) cinco professores – Doutores da Universidad Autónoma Asunción- UAA especialistas na temática que abordamos para estudo. Essa parte da investigação se tornou relevante na medida em que pudemos modificar algumas questões sugeridas pelos expertos e assim ter certeza de que os questionamentos atenderiam nossos objetivos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O intuito desse tópico é apresentar os resultados dessa investigação que trata saber se os professores possuem formação necessária para atender às necessidades do ensino aprendizagem dos alunos com Transtorno do Espectro Autista na escola UME José da Costa Barbosa na cidade de Santos/SP.

Nesse pressuposto optamos por uma análise em Categorias, de forma a unificar os resultados, denominados eixos comuns, e assim apresentar coerentemente dados concisos e coerentes com as perspectivas desse estudo e responder aos objetivos e ao problema que norteou

a pesquisa. Para Minayo (2001, p. 25) a palavra categoria se refere a um conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si. [...] De um modo geral, pode ser utilizado em qualquer tipo de análise em pesquisa qualitativa.

Seguimos uma dinâmica específica para selecionar as categorias: Nos apropriamos das respostas dos participantes de modo a construir eixos que correspondiam entre si de forma que pudessem responder a cada item categorial. Criando assim as categorias de análise.

Assim apresentamos abaixo as categorias de análise:

1ª Categoria: Percepção dos professores com respeito a presença em sala de aula de alunos com TEA.

2ª Categoria: Necessidades formativas do docente para a resposta. Motivação dos professores para melhorar sua formação

3ª Categoria: Os alunos com TEA em sala de aula: Como é percebido pelos demais alunos.

4ª Categoria: As dificuldades para inclusão dos alunos com TEA em sala de aula

1ª Categoria: Percepção dos professores com respeito a presença em sala de aula de alunos com TEA

Para essa categoria é possível estabelecer algumas situações que permitem compreender sobre a percepção dos profissionais que recebem alunos com TEA em sua sala. Por sua vez, a falta de apoio especializado foi citada várias vezes como sendo um fator de grande importância e que de fato não se encontra presente nessa instituição. Outro fator de grande importância se relaciona a participação familiar nesse processo, fator apontado como ausente nessa escola.

A análise dessa categoria nos fez compreender que os professores não se encontram satisfeitos com as práticas que estão exercendo, pois têm a plena consciência que não estão oferecendo a esses alunos o que realmente eles necessitam, uma educação de qualidade. A vontade de fazer melhor apontada pelas suas falas é realmente efetivar uma inclusão de verdade, o que de fato não está sendo executada por eles, por inúmeros motivos: falta de formação específica continuada; salas superlotadas, estrutura escolar, material adequado.

2ª Categoria: Necessidades formativas do docente para a resposta. Motivação dos professores para melhorar sua formação.

Nessa categoria em que tivemos dois grupos de participantes: professores e Coordenadores, nota-se a preocupação dos professores quanto a falta de formações específicas para atender com qualidade os alunos autistas. No momento em que abordamos essa categoria nos conscientizamos de que os professores não recebem orientações acerca desse aluno no momento em que este está sendo matriculado o em sua sala, apenas são informados que existe um aluno que possui esse transtorno e isso é só. No ponto de vista desses professores, seria necessário um repasse geral da situação do aluno com TEA para que as informações prévias pudessem ajudar em todo o processo de aprendizagem e desenvolvimento.

No entanto, analisamos o quanto as formações são necessitadas pelos professores, como também pedem ativamente por atividades práticas, oficinas, menor quantidade alunos por sala, materiais, isso tudo em prol de uma inclusão de qualidade.

Ainda nesse mesmo ponto, o coordenador confirmou as falas dos professores e julgou como necessário uma formação específica para os professores da sala comum e não somente para os professores mediadores e os professores do AEE. Já que no momento a Seduc dispõe apenas cursos de formações e capacitação específicas para esses dois seguimentos.

3ª Categoria: Os alunos com TEA em sala de aula: Como é percebido pelos demais alunos.

Para que a inclusão seja de fato uma realidade nas escolas brasileiras, um dos pontos cruciais para este fim é justamente o acolhimento dos alunos com deficiência nas salas e aulas regulares, e, portanto, nesse ponto estabelecemos análises importantes no que diz respeito a esse embate.

Percebemos ao longo desse discurso que os professores acreditam que a afetividade é o caminho para conquista da socialização entre professor/alunos e alunos/alunos. Onde nesse sentido, apontam que devem respeitar as diferenças e o tempo que cada aluno possui no processo de desenvolvimento, contado sempre com o apoio do amor, paciência e carinho.

Entretanto para a maioria dos professores não é uma tarefa fácil incluir um aluno autista entre os demais, ainda mais quando se trata de um autismo em grau severo, portanto, necessitam

de apoio do profissional mediador para atendimento individual para que nenhum dos alunos sejam prejudicados no processo de aprendizagem.

4ª Categoria: As dificuldades para inclusão dos alunos com TEA em sala de aula

Nessa categoria em que foi possível a análise dos professores da sala regular de ensino como também do coordenador, tivemos através da fala dos participantes a plena convicção que a falta de formações e capacitações efetivas e de qualidade são os principais obstáculos para efetivar a qualidade de ensino ofertado para todos em especial para os alunos autistas.

Nesse ponto, nos deparamos com professores desmotivados e angustiados com a solidão que enfrentam a prática da inclusão de alunos com TEA, visto que a escola possui materiais, porém não é oferecido suporte para desenvolver na prática esses materiais.

Um outro ponto também muito debatido no decorrer dessa análise se refere as salas superlotadas que dificulta o trabalho dos professores, no qual estabelecem que isso torna a educação inclusiva sem nenhuma qualidade.

Os profissionais da saúde existem, estão disponíveis, porém não vem estabelecendo uma parceria com os professores, como também não vem agindo de forma preventiva aos avanços do TEA. Bem como, as ações preventivas com o desenvolvimento da aprendizagem ficam a desejar quando o assunto é contar com a ajuda dos profissionais da saúde.

CONCLUSÕES

Após efetuarmos com profundidade toda teoria que embasa essa pesquisa e nos determos a analisar os dados que recolhemos dessa investigação somos capazes então de relatar nossas conclusões sobre a temática que tratou da *Inclusão de alunos com transtorno do espectro autista na escola Ume José da Costa Barbosa da cidade de Santos/SP: um desafio na formação docente.*

Assim referente ao **objetivo 01 que tratou de identificar se a formação dos docentes atende as necessidades inclusivas dos alunos com TEA**, com base na pesquisa em profundidade que efetuamos durante o tempo que nos foi delimitado, podemos confirmar que os professores da sala regular de ensino dessa instituição não possuem formações específicas e contínuas para atender esse alunado que apresenta autismo. As formações iniciais são

insuficientes a esses professores para desenvolver seus trabalhos e assim permitir e proporcionar aprendizagem e inclusão de sucesso para esses alunos. E sendo assim, as formações não atendem as necessidades inclusivas desses alunos, ocasionando desgastes físicos e emocionais para esses profissionais.

Como bem detalhado pelos participantes, não existem formações para os professores da sala regular de ensino, que estão diariamente com esses alunos. Apenas os profissionais mediadores e do AEE possuem formações específicas e ainda assim esses profissionais não se fazem constantemente presentes nas salas comuns e só enfatizando, o município não dispõe de profissionais capacitados suficientes para apoiar os professores da sala regular.

Já respondendo as constatações sobre **o objetivo 02 que foi analisar qual a formação necessária para o sucesso das práxis educativas deste professor**, concluímos algo que nos chamou atenção, pois, esses profissionais falaram muito a necessidade das formações contínuas para ajudá-los nesse processo de aprendizagem do aluno autista. Reclamam que os cursos deveriam ser direcionados a temática teórica e prática de como trabalhar com esses alunos. Nada superficial, pois relatam que no momento as informações que recebem de coordenadores são superficiais e isso não lhes permitem desenvolver um trabalho de qualidade.

As formações requisitadas seriam cursos de extensão, formações contínuas e constantes em que suprissem a necessidade prática para utilização de materiais pedagógicos, orientações mais profundas sobre as peculiaridades educativas dessas crianças. Isso se tornaria útil no desenvolvimento educacional segundo esses professores.

Para o objetivo **03 sobre conhecer a opinião dos professores da sala regular de ensino sobre a formação necessária para dar resposta a este alunado**, reforçamos nossas conclusões sobre algo que foi muito discutido na análise dos dados juntamente com professores e coordenadores, pois a formação inicial dos professores dessa instituição não é suficiente para dar resposta a este alunado, que se trata dos alunos com TEA.

No entanto, a equipe reclama que as estâncias de responsabilidade não dispõem de formações para os professores da sala regular de ensino, nem mesmo cursos curtos que possibilitariam avançar nessa proposta. Segundo esses profissionais, a falta de formações dificulta o trabalho pedagógicos porque muitas vezes esses professores não sabem como agir diante dos desafios diários.

A conclusão que temos a respeito desse embate, se revela em saber que os professores da sala regular de ensino da educação, não estão preparados para atender alunos com autismo. Tão pouco possuem a perspectiva em receber a capacitação necessária, o que seria um fator decisivo para o sucesso da práxis pedagógicas desses profissionais que possuem tão pouco conhecimento teórico e prático sobre a problemática em tela. Concluindo a fala do coordenador, esse ajuda no que pode, pois, o mesmo também não possui capacitação necessária para orientar os professores.

Ao final das nossas conclusões, queremos apontar que esse estudo seguiu todas as normas necessárias para que as conclusões fossem feitas baseadas em dados confiáveis e fidedignos, além do mais as nossas conclusões foram formalizadas com ajuda de técnicas condizentes com o método do estudo, no qual nos possibilitou chegar aqui e relatar que técnicas foram suficiente para responder aos objetivos dessa investigação.

REFERÊNCIAS

- Bettleheim, B. (1967). *Love is not enough: The treatment of emotionally disturbed children*.
- Bez, M. R. (2010). *Comunicação Aumentativa e Alternativa para sujeitos com Transtornos Globais do Desenvolvimento na promoção da expressão e intencionalidade por meio de Ações Mediadoras*. Porto Alegre\RS.
- Bosa, C. A. (2002). *Atenção compartilhada e identificação precoce do autismo. Psicologia: reflexão e crítica*. Porto Alegre. Vol. 15, n. 1 (2002), p. 77-88.
- Campoy, T. (2018) *Metodología de la investigación científica*. Ciudad del Este (py) U.N.C. del Este.
- Daley, T. (2004). *From symptom recognition to diagnosis: children with autism in urban India*. *Social Science e Medicine*, 58, 1323-1335.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Atlas.
- Gupta, A. R. (2006). *STATE, MW Autismo: genética*. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28(supl 1), 29-38. São Paulo\SP.
- Kanner, L. (1943). *Autistic disturbances of affective contact*. *Nervous child*, 2(3), 217-250.
- Lakatos, E. M., & Marconi, M. D. A. (2003). *Fundamentos da metodologia científica*. In *Fundamentos da metodologia científica*. Altas.
- Melo, S. D. (2004). *Autismo e educação: a dialética da inclusão*. Rio de Janeiro, R\J. Brasil.
- Minayo, de S. M. C. (2001). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Editora Vozes Limitada.

Rutter, M. (2011). *Research review: child psychiatric diagnosis and classification: concepts, findings, challenges and potential*. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.14697610.2011.02367.x>. Acesso em: 15 de mar. 2017.

Whitman, T. L. (2015). *O desenvolvimento do Autismo: Social, Cognitivo, Linguístico, Sensório-motor e Perspectivas Biológicas*. São Paulo. M. Books do Brasil Editora LTDA.

Zanon, R. B., Backes, B., e Bosa, C. A. (2014). *Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Rio Grande do Sul.